



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

MODERNIZAÇÃO DA MATEMÁTICA ESCOLAR NA BAHIA: LEMBRANÇAS DOS EX-ALUNOS DA ESCOLA DE APLICAÇÃO (1949-1976)

Diogo Franco Rios*
(UFBA)

RESUMO

Este trabalho apresenta questionamentos pertencentes à pesquisa de doutorado do autor a qual, ainda em fase de execução, se objetiva a contribuir com a análise histórica a respeito das relações entre institucionalização e apropriação da matemática moderna nas práticas de ensino/aprendizagem em instituições escolares baianas, especificamente na Escola de Aplicação da Universidade da Bahia, considerando, a partir das memórias dos ex-alunos, os impactos que esse processo de implantação impôs a eles e aos grupos sociais que integravam - suas famílias mais diretamente - e, conseqüentemente, à sociedade da época.

PALAVRAS-CHAVE: Modernização da Matemática escolar; História da educação matemática na Bahia; Memória.

INTRODUÇÃO

A produção de estudos a respeito da história da educação no Brasil não se constitui como uma iniciativa recente, porém, nos últimos anos, pôde-se acompanhar um aumento considerável do número de trabalhos a respeito do tema. A Revista Brasileira de História publicou, em 2003³⁹³, um artigo que narra os caminhos

*Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana e doutorando do PPGEFHC – UFBA/UEFS.
393 VIDAL, Diana; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880/1970). *R. Bras. de História*, São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

trilhados pela história da educação no país, desde suas primeiras iniciativas, ainda no século XVIII, alcançando até a atualidade, traçando uma análise das vertentes assumidas por essa historiografia.

Dentre as vertentes que o referido trabalho estabelece, interessa-nos particularmente, a *produção acadêmica de 1940 a 1970*, que marca o início dos primeiros programas de pós-graduação em educação, que suscitaram, na década de 1980, a criação de vários grupos de trabalho que tratam da história da educação, como foram os casos do GT História da Educação, criado no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPed), e do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, na Universidade Estadual de Campinas (HISTEDBR).

No artigo acompanha-se ainda a criação, em 1999, da Sociedade Brasileira de História da Educação e, em 2001, da Revista Brasileira de História da Educação, destacando que tais iniciativas denotam não apenas o interesse por um campo de pesquisa específico, mas também uma preocupação dos pesquisadores com seus pressupostos teórico-metodológicos e, ainda, a sua inserção nas perspectivas propriamente historiográficas.³⁹⁴

Além dos grupos de pesquisa citados acima, cabe destacar a existência de outros grupos que realizam trabalhos relacionados especificamente com a história do ensino da matemática³⁹⁵ e, de pesquisadores que o fazem durante suas pesquisas nos programas de mestrado e doutorado espalhados pelo país. Dentre esses trabalhos, os

³⁹⁴FALCON, Francisco J. C. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

³⁹⁵Atualmente existem no cadastro corrente do CNPq cinquenta e sete grupos de pesquisa localizados a partir do comando *história da educação matemática*. Nos sites desses grupos é possível acessar dissertações, teses e outras produções. Pode-se citar o site do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM) www.ghoem.com e o site do Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT) www.ghemat.mat.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

temas parecem estar mais voltados para períodos recentes da história do ensino dessa ciência e, mais especificamente, tem crescido o número de investigações interessadas no processo de apropriação e institucionalização de padrões modernos no ensino da matemática no país, durante o século XX.³⁹⁶

Sobre as tentativas de institucionalização das formas de praticar e representar a matemática – denominadas de matemática moderna – por grupos formados por matemáticos ligados a instituições de ensino superior, associados no chamado *Movimento da Matemática Moderna* (MMM), os poucos trabalhos publicados no Brasil e em Portugal sobre tal movimento se limitaram apenas ao estudo do ideário modernizador ou à descrição das memórias dos seus protagonistas. Configura-se, portanto, uma lacuna historiográfica que, segundo Wagner Valente, ainda “precisa ser preenchida”.³⁹⁷

De modo que se pode afirmar a pertinência de pesquisas que se proponham a analisar historicamente as relações entre institucionalização e apropriação da matemática moderna nas práticas de ensino/aprendizagem nas escolas brasileiras onde houve a tentativa de implantar os padrões de ensino orientados no referido movimento.

396BORGES, R.A.S. *A Matemática Moderna no Brasil: as primeiras experiências e propostas de seu ensino*; BÚRIGO, E. Z. *Movimento da matemática moderna no Brasil: estudo da ação e do pensamentos de educadores matemáticos nos anos 60*; D'AMBRÓSIO, B. S. *The Dynamics and consequences of the modern mathematics reform movement for Brazilian mathematics education*; DIAS, A. L. M. *Engenheiros, mulheres, matemáticos: Interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896-1968)*; _____. *As fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 653 - 674, 2001. LIMA, E. B. *Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil*; MATOS, J. M., VALENTE, W. R. *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos*; SOARES, F. S.; DASSIE, B. A.; ROCHA, J. L. *Ensino de Matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna*.

397VALENTE, W. R. *A matemática moderna nas escolas do Brasil: um tema para estudos históricos comparativos. Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 6, n. 18, p. 19-34, mai./ago. 2006, p. 32



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Em linhas gerais, o MMM tinha entre seus principais objetivos, a renovação pedagógica do ensino de Matemática e a modernização dos programas, a partir da introdução no currículo do ensino secundário de temas anteriormente aplicados no ensino superior, a saber: “teoria dos conjuntos; conceitos de grupo, anel e corpo; espaços vetoriais; matrizes; álgebra de Boole; noções de cálculo diferencial e integral e estatística”.³⁹⁸

No entanto, segundo Soares³⁹⁹, o ensino das noções de conjunto, pode ser considerado a marca preponderante da reforma no ensino proposta pelo MMM a tal ponto de outros conceitos serem deixados de lado: “A linguagem dos conjuntos foi ensinada com tal ênfase que a aprendizagem de símbolos e de grande quantidade de terminologia comprometia o ensino do cálculo, da geometria e das medidas”⁴⁰⁰. E, ainda segundo a autora, o MMM baseava-se em duas fontes principais de referencial para suas propostas: os trabalhos produzidos pelo grupo Bourbaki e de teorias educacionais, destacando às propostas por Jean Piaget:

Os adeptos do Movimento da Matemática Moderna encontraram nos trabalhos de Bourbaki um guia para a Matemática e nos trabalhos de psicólogos e educadores como Jean Piaget, C. Gattegno e Z. P. Dienes, grande apoio, além de uma forma de garantir e validar as possíveis mudanças no currículo e na metodologia do ensino de Matemática.⁴⁰¹

Com relação à tentativa de implantação dos padrões sugeridos pelo MMM no âmbito nacional, tendo objetivos muito similares aos que haviam levado à tentativa

398SOARES, F. S. *Movimento da Matemática Moderna no Brasil: Avanço ou Retrocesso?* Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 46.

399SOARES, F. S.; DASSIE, B. A.; ROCHA, J. L. *Ensino de Matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna.*

400SOARES, F. S. *Movimento da Matemática Moderna no Brasil: Avanço ou Retrocesso?*

401Idem, p. 49.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de sua implantação nos Estados Unidos e em alguns países da Europa⁴⁰², de adequar o ensino da matemática além das necessidades do cotidiano, Soares, Dassie e Rocha apresentam a seguinte ponderação:

Ao aproximar a Matemática Escolar da Matemática Pura, centrando o ensino nas estruturas e usando a linguagem dos conjuntos como elemento de unificação, a reforma deixou de considerar que aquilo que se propunha estava fora do alcance dos alunos e dos professores. Estes, obrigados a ensinar uma matemática por cujos métodos não foram preparados, ministravam um ensino deficiente e só agravaram os problemas [...]

A implantação da Matemática Moderna como parte do currículo escolar não se mostrou eficaz no combate aos problemas que o ensino já apresentava. Sua adoção foi feita sem o planejamento necessário e sem a devida preparação dos professores. Dessa forma, as opiniões gerais tendem a considerar que o Movimento fracassou, pois não atingiu as metas a que se propôs, ou seja, a de unificar o ensino da matemática, democratizar o ensino e torná-lo mais acessível.⁴⁰³

Escola de Aplicação da Faculdade de Filosofia

A Escola de Aplicação da Universidade da Bahia começou a funcionar em 1949, assumindo a direção Isaías Alves de Almeida (1888–1968), na época também diretor da Faculdade de Filosofia (FF-UBa). Entre os principais objetivos da Escola estava o de possibilitar a prática docente dos alunos matriculados no curso de didática.

402BÚRIGO, Elizabete Zardo. *Movimento da matemática moderna no Brasil: estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60.*

403SOARES, F. S.; DASSIE, B. A.; ROCHA, J. L. *Ensino de Matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna.* p. 12.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Na Faculdade de Filosofia, o curso de matemática seguia o modelo instituído na e pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), com duas titulações: bacharelado, normalmente obtido após os três primeiros anos, com as "cadeiras" científicas; e licenciatura, obtida após o curso de didática, cumprido normalmente no quarto ano, após o bacharelado, quando eram seguidas as "cadeiras" pedagógicas.

O programa⁴⁰⁴ da disciplina de *Didática Especial da Matemática* abordava conteúdos referentes à Matemática Moderna, bem como possibilitava o planejamento e atuação em sala de aula. Um dos primeiros resultados obtidos pelo grupo de *história da matemática no Brasil com ênfase na Bahia*⁴⁰⁵ foi a identificação que o processo da modernização do ensino da matemática, no curso de Didática, inicia-se ainda na década de 1950.

Em 1952, Martha Dantas⁴⁰⁶ tornou-se responsável pela disciplina Didática Especial da Matemática e teve a possibilidade de vivenciar problemas relacionados aos programas, livros didáticos e o ensino tradicional. Martha ajuíza que: “Era preciso mudar. Eu não sabia como mudar e não encontrava publicações que me sugerissem uma mudança”.⁴⁰⁷

404“Os programas eram impostos pelo Ministério da Educação” Cf.: DANTAS, M. M. de S. Depoimento. *Cadernos do IFUFBA*. Salvador, a. 9, v. 6, n. 1-2, out. 1993. p. 15.

405O grupo de pesquisa em “História das ciências no Brasil com ênfase na Bahia”, coordenado pelo Prof. Dr. André Luis Mattedi Dias, tem desenvolvido, a partir dos trabalhos de seus componentes, análises históricas dos processos de atualização das práticas matemáticas em algumas instituições escolares baianas, particularmente aquelas relacionadas com a modernização dos programas e currículos de formação de professores e de ensino-aprendizagem em nível secundário, focando as relações entre as tentativas de institucionalização de certas formas de praticar e representar a matemática e as formas de sua apropriação em instituições escolares baianas de ensino secundário, focando principalmente, mas não exclusivamente, as práticas e representações matemáticas dos professores deste nível de ensino.

406Martha Maria de Sousa Dantas, professora primária da rede estadual de ensino desde 1942, concluiu o curso de matemática pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, em 1948.

407 DANTAS, M. M. de Souza. *Ibid.*, p. 15.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Buscando amenizar estas dificuldades, em 1953, a professora realiza uma viagem à Europa, com intuito de observar como vinha sendo feito o ensino de matemática na Bélgica, França e Inglaterra. Ao retornar da viagem, decide abandonar os cargos administrativos e dedicar-se apenas ao ensino da matemática. Posteriormente, em 1958, visita Portugal, onde entrou em contato com o matemático Sebastião e Silva, importante figura na modernização do ensino da matemática.

Há indícios de que essas viagens de Martha Dantas propiciaram um contato com a matemática moderna no ensino superior, e ao retornar às suas atividades docentes na Bahia, passou a desenvolver em suas práticas o que havia apreendido durante os seus estudos. Tais indícios apontam ainda para o fato que, no início da década de 60, a Matemática Moderna estava sendo trabalhada nas disciplinas didáticas da FF, interferindo assim na formação dos professores de matemática do estado.

Além de Martha Dantas, outras professoras baianas estudaram na Europa. Este foi o caso de Eliana Costa Nogueira, Neide Clotilde Pinho e Souza, Eunice da Conceição Guimarães e Norma Coelho de Araújo que fizeram um estágio, em 1965, com o matemático belga George Papy, um dos protagonistas do MMM na Europa⁴⁰⁸. Portanto, segundo DIAS, “é razoável supor que elas tiveram um contato intenso, sistemático e contínuo com o MMM, de acordo com uma série de indícios disponíveis”.⁴⁰⁹

A partir desse intercâmbio, as professoras elaboraram um projeto adaptado do modelo usado para introduzir a Matemática Moderna na escola secundária na Bélgica e o testaram no Colégio de Aplicação da UBa. A respeito dessa experiência,

408DANTAS, Martha M. de S. Depoimento. *Cadernos do IFUFBA*. Salvador, a. 9, v. 6, n. 1-2, p. 11-36, out. 1993.

409DIAS, André L. M. *A matemática Moderna na Bahia: análise das possibilidades de Pesquisa Histórica (1942-1972)*. Seminário temático A matemática moderna no Brasil e Portugal: estudos históricos comparativos, IV, Almada, Portugal, 2007. p. 8.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Dantas ainda afirma que não houve prejuízos para os alunos e que a experiência ajudou o grupo a encontrar o equilíbrio. Declara também: “A crítica dos professores que executaram a experiência, a reação dos alunos a ela submetidos e as recomendações dos Congressos internacionais que se realizavam, periodicamente, nos ajudaram na tarefa de avaliação do trabalho feito”.⁴¹⁰

Com relação aos professores da Escola de Aplicação, ainda de acordo com a professora Martha Dantas, as experiências realizadas, a partir de 1966, tiveram êxito. Pois, segundo seu entendimento, aqueles que fizeram parte da experiência estavam bem preparados e os alunos que dela participaram tinham condições para utilizar os novos textos.

Lembranças dos ex-alunos da Escola de Aplicação

Durante a produção de minha dissertação de mestrado, que discutiu a construção da memória do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, especificamente relacionada ao processo de afastamento de Leopoldo Nachbin, um dos fundadores deste Instituto no início da década de 1970, estabelecemos um estudo sobre as relações entre história e memória, debatidas no âmbito da historiografia.

A partir desse trabalho, buscamos uma aproximação com a história cultural que, nas últimas décadas, tem incorporado uma grande variedade de novos temas, outrora excluídos do escopo da pesquisa histórica, que também trouxeram consigo a pluralidade e a diversidade de abordagens teórico-metodológicas, questionando as fronteiras já bem estabelecidas entre os domínios da história, de modo que passaram

410DANTAS, M. M. de Souza. Ibid., p. 25.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

também a ser de interesse do historiador profissional – e não apenas dos especialistas disciplinares – a história das ciências, a educação ou a literatura.⁴¹¹

Merece destacar entre a pluralidade de propostas levantadas no âmbito da história cultural, aquela que aponta para a importância de resgatar a história, a memória e a identidade das classes não-hegemônicas a partir dos seus próprios discursos, da sua própria voz, fazendo-as protagonistas da história, algo que sempre lhe foi negado seja pela história tradicional, seja pela memória oficial.⁴¹²

Esta pesquisa que se encontra em fase de desenvolvimento, se coloca, de certa forma, inserida nessa pluralidade e variedade, uma vez que se situa em uma fronteira comum entre a história cultural (cultura escolar como objeto histórico), da história das ciências (da matemática) e da história da educação (história das disciplinas escolares).⁴¹³

Assim, utilizando história oral e considerando alguns aspectos das relações entre história e memória, bem como, as discussões sobre cultura escolar, propomos desnaturalizar a memória oficial a respeito da tentativa de implantação da modernização do ensino da matemática orientada pelo MMM nas turmas da Escola de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia entre as décadas de

411 BARROS, J. D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*; CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*; FALCON, F. J. C. A identidade do historiador. *Estudos Históricos*; _____. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006; PESTRE, D. Por uma nova História social e cultural das ciências: Novas definições, novos objetos, novas abordagens.

412 POLLAK, M. Memória e identidade social; _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*; SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia., n. 45, p. 103-128, 2003.

413 CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa; JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico; FARIA FILHO, L. M. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

1950 e 1970, confrontando com outras memórias presentes nos discursos daqueles que foram alunos da Instituição na época.

O discurso oficial a respeito da tentativa de implantação da matemática moderna na Escola de Aplicação da UBa é cercada de uma série de considerações e mitos, difundidos entre os educadores, que justificam o (in)sucesso da implantação dessa renovação no ensino da matemática no contexto local. Contudo, ainda não foram consideradas questões relacionadas ao impacto que esse processo de implantação impôs aos alunos e aos grupos sociais que integravam - suas famílias mais diretamente - e, conseqüentemente, à sociedade e, questões associadas às tensões decorrentes desse impacto. De modo que, tal processo ainda não foi entendido completamente uma vez que “a cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas”.⁴¹⁴

Além disso, com o cumprimento dessa pesquisa iremos responder questões relacionadas à memória dos ex-alunos da referida instituição. Como foi, para eles, a implantação e apropriação da reforma no ensino da matemática proposta pelo MMM? Como eram percebidas e representadas entre os alunos, as práticas docentes referente a este movimento? Como isto foi recebido pelos alunos e os grupos sociais a que estavam ligados, a família mais especificamente? Como os estes reconstroem a implantação da modernização do ensino da matemática? Como lembram desse processo? Ou seja, como os ex-alunos representam essas práticas educacionais? Os ex-alunos concordam com o argumento de Martha Dantas de que eles estavam preparados para essa modernização?

Segundo CHERVEL, esse tipo de questão encontra-se entre os principais aspectos da história das disciplinas escolares e

414JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. p. 10.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

[...] nos faz sair do ensino propriamente dito para ir observar os seus efeitos. A assimilação efetiva do curso, e a aculturação resultante constituem, de fato, uma garantia de que a palavra do professor foi entendida, e de que a disciplina realmente funcionou. No sentido inverso, quando a corrente não passa, ao se poderia talvez falar de “disciplina”, quaisquer que sejam de resto os esforços do professor e dos alunos.⁴¹⁵

O entendimento das perguntas descritas acima, ainda contribuirá para a compreensão de uma série de outras questões relacionadas ao modo como os docentes, em suas práticas, lidavam com os conflitos surgidos em decorrência do (des)interesse dos alunos ante as dificuldades surgidas com as mudanças propostas pela implementação dos novos padrões educacionais associados ao MMM. Segundo JULIA, as pressões colocadas pelos discentes têm implicações significativas sobre a ação dos professores, superando inclusive as pressões impostas pela corporação profissional ou as oriundas da sociedade, no sentido mais amplo:

[...] o estudo histórico das disciplinas escolares mostra que, diante das disposições gerais atribuídas pela sociedade à escola, os professores dispõem de uma ampla liberdade de manobra: a escola não é o lugar da rotina e da coação e o professor não é o agente de uma didática que lhe seria imposta de fora. Mesmo se a corporação à qual pertence exerce uma pressão – quer se trate de visitantes de uma congregação, ou de inspetores de diversas ordens de ensino –, ele sempre tem a possibilidade de questionar a natureza de seu ensino; sendo a liberdade evidentemente muito maior nas margens do sistema (nos internatos ou junto ao preceptorado que pode ser exercido depois da aula). De fato, a única restrição exercida sobre o professor é o grupo de alunos que tem diante de si, isto é, os saberes que funcionam e os que “não funcionam” diante deste público.⁴¹⁶

415CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. p. 208.

416JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. p. 33.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

E, já que se trata, de acordo com Julia, de um aspecto relevante para o estudo das disciplinas escolares, ainda questionamos nessa pesquisa a respeito da interferência que possíveis resistências impostas pelos alunos e a repercussão disso nos grupos sociais a que estavam ligados, tiveram na apropriação dos novos conhecimentos e padrões de ensino da matemática que eram propostos pelo MMM na cultura escolar e até pela cultura baiana, num sentido mais amplo. Assim, podemos afirmar que interessa-nos também com esta pesquisa, assim como proposto por Julia:

[...] recolher, através das autobiografias, como através de uma história oral, questionando as antigas gerações, tudo o que de uma cultura tradicional, ou de uma cultura específica de determinado grupo social, pôde resistir à tentativa de aculturação da escola, tudo que também pôde acolhê-la e sustentá-la.⁴¹⁷

O levantamento das memórias do processo de modernização da matemática na Escola de aplicação, no referido período para a produção da análise proposta, está sendo feito a partir de entrevistas com alguns ex-alunos que estudaram nas turmas da Escola naqueles anos. Usaremos ainda para a análise possíveis documentos escolares desses ex-alunos, que tenham se preservado, desde provas, cadernos, livros didáticos, anotações, etc. e institucionais, que conservem registros dos alunos, como por exemplo, seus históricos escolares e pastas de alunos.

É especialmente difícil ter acesso aos vestígios do cotidiano escolar passado, uma vez que os arquivos das escolas dificilmente estão organizados, sendo excluídos a cada cinco anos em virtude da legislação⁴¹⁸. Todavia, em relação à Escola de Aplicação, existe o Centro de Memória da Faculdade de Educação. Foi feita uma inspeção preliminar e verificou-se a existência desses documentos no acervo que,

417 JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. p. 36.

418 VALENTE, W. R. *A matemática na escola*: um tema para a história da educação. Disponível em <http://www.spce.org.pt/sem/3.pdf>. Acesso em 8 out. 2007b.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

apesar de não estarem organizados sistematicamente ainda, encontram-se quase todos em bom estado de conservação e acessíveis.⁴¹⁹

Por fim, como esta pesquisa se insere no âmbito da “história do tempo presente”, uma vez que o período abordado é relativamente próximo, parece adequada a opção que fizemos pela história oral para a constituição de novas fontes.

REFERÊNCIAS

- BARROS, J. D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BORGES, R.A.S. *A Matemática Moderna no Brasil: as primeiras experiências e propostas de seu ensino*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2005.
- BÚRIGO, E. Z. *Movimento da matemática moderna no Brasil: estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60*. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Educação), UFRGS.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- D'AMBRÓSIO, B. S. *The Dynamics and consequences of the modern mathematics reform movement for Brazilian mathematics education*. 1987. Thesis (Doctor of Philosophy) – Indiana University.
- DANTAS, M. M. de S. *O ensino da matemática na Bélgica, Inglaterra e França: relatório de estudos realizados na Europa em 1953*. Arquivos da Universidade da Bahia (Faculdade de Filosofia), v. III, p. 133-156, 1954.
- _____. Discurso de abertura. In: CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA NO CURSO SECUNDÁRIO, I, Salvador, 1955. Anais... Salvador: Faculdade de Filosofia, Universidade da Bahia, 1957, p. 255-263.
- _____. Depoimento. *Cadernos do IFUFBA*. Salvador, a. 9, v. 6, n. 1-2, p. 11-36, out. 1993.

419A guarda do acervo encontra-se sob a responsabilidade da professora da faculdade de Educação da UFBA Antonieta d'Aguiar Nunes. NUNES, A. D'A. *Institucionalização da Gestão Documental da Faced/UFBA: relato de um trabalho em andamento*. Disponível em http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/antoniettadaguiar.html. Acesso em 12 set. 2008.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

-
- _____. *Entrevista*. Salvador, 7 out. 2000.
- _____. *Entrevistas*. Salvador, 2000/2002.
- DIAS, A. L. M. *Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968)*. São Paulo, 2002. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.
- _____. As fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 653 - 674, 2001.
- _____. *A matemática Moderna na Bahia: análise das possibilidades de Pesquisa Histórica (1942-1972)*. Seminário temático A matemática moderna no Brasil e Portugal: estudos históricos comparativos, IV, Almada, Portugal, 2007. (Conferência).
- FALCON, F. J. C. A identidade do historiador. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 17, 1996.
- _____. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.
- FARIA FILHO, L. M. de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.
- LOZANO, J. E. Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 15-25.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9- 43. Jan/jun 2001.
- LIMA, E. B. *Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil*. Salvador, 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências), UFBA-UEFS.
- MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. (org.). *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos*. São Paulo: GHEMAT, CAPES, GRICES, Da Vinci, 2007; *Revista Diálogo Educacional*. História da Educação Matemática. Curitiba, v. 6, n. 18, maio-ago. 2006.
- NUNES, A. D'A. *Institucionalização da Gestão Documental da Faced/UFBA: relato de um trabalho em andamento*. Disponível em http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/antoniettadaguiar.html. Acesso em 12 set. 2008.
- PESTRE, D. Por uma nova História social e cultural das ciências: Novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG*. n. 1, v. 6, UNICAMP, 1996 p. 3 – 55.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- RIOS, D. F. *História e Memória: A saída de Leopoldo Nachbin do IMPA*. Salvador, 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ens., Filos. e Hist. das Ciências) – UFBA/UEFS.
- SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 103-128, 2003.
- VALENTE, W. R. A matemática na escola: um tema para a história da educação. In: Moreira, D.; Matos, J. M. (Org.). *História do ensino da matemática em Portugal*. 1 ed. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2005, v. 1, p. 21-32. Disponível em <http://www.spce.org.pt/sem/3.pdf>. Acesso em 3 ago. 2008.
- SOARES, F. S.; DASSIE, B. A.; ROCHA, J. L. Ensino de Matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. *Revista Horizontes*, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2004.